

Administração On Line

Prática - Pesquisa - Ensino

ISSN 1517-7912

Volume 2 - Número 3
(julho/agosto/setembro - 2001)

Etapas de uma Dissertação de Mestrado

Daniel Augusto Moreira - FECAP e FEA USP

1. OBJETIVOS

Este trabalho foi escrito para proporcionar uma visão primeira e genérica dos passos envolvidos na elaboração de uma dissertação de mestrado. Com poucas modificações, esses passos também valem para o desenvolvimento de teses de doutorado; conservaremos, não obstante, o foco na dissertação de mestrado.

Não é objetivo deste documento discutir em detalhe cada qual das etapas, mas sim apresentá-las e mostrar sua interligação e o papel dos vários agentes envolvidos (instituição, alunos, orientadores, bancas, etc.). Em outra oportunidade, empreenderemos análises mais detalhadas sobre as várias etapas.

O que se espera é que este trabalho seja de utilidade aos alunos novatos, que estejam começando um programa de mestrado. A lógica maior está no desejo de que os alunos percebam, de imediato, a importância de focar a dissertação tão logo iniciem o mestrado. Em nosso entender, esta é a forma mais prática de aumentar as probabilidades de levar a bom termo o programa de mestrado.

O plano do documento é bem simples: discutiremos ao começo o que é uma dissertação de mestrado e uma pesquisa científica; em seguida, apresentaremos o modelo de etapas de uma dissertação, comentando brevemente a natureza e as características de cada uma delas. Como já foi dito, posteriormente, em outro trabalho, discutiremos algumas dessas etapas com maior grau de detalhe operacional.

2. O QUE É UMA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO?

A dissertação é uma das exigências fundamentais daquilo que se convencionou chamar de "programa de mestrado". Para fins de distinção, os programas de mestrado que exigem a elaboração de uma dissertação final são chamados de "mestrados acadêmicos", enquanto que outros programas semelhantes de estudos, que nada exigem ao seu final, ou exigem trabalhos sem o mesmo rigor científico da dissertação, são chamados de "mestrados profissionalizantes". No Brasil, a distinção entre um mestrado "profissional" e um "acadêmico" ainda é confusa, e só agora o mestrado profissional começa a ser seriamente discutido. Doravante, estaremos nos referindo apenas ao mestrado acadêmico, o qual irá conferir o título de "Mestre" na particular opção oferecida dentro de um campo mais amplo de conhecimento.

Formalmente, a dissertação é um trabalho escrito, com a pretensão de ostentar o rótulo de "trabalho científico". Esta qualificação irá impor sobre a dissertação um conjunto de regras e procedimentos que, embora ligeiramente variáveis de um momento para outro e de escola a escola, guardam entre si certas comunicações. Esses aspectos em comum é que irão caracterizar o trabalho científico ou pesquisa científica.

A dissertação é elaborada pelo aluno com o auxílio de um professor orientador, sendo apresentada sempre ao final de um programa de mestrado. A apresentação implica na entrega do documento (texto da dissertação) a um órgão que administre o programa; implica na escolha de uma banca de examinação, composta pelo professor orientador e por mais dois professores, dos quais um será obrigatoriamente de outra instituição de ensino que não a ofertante do programa; implica na defesa oral do candidato, de sua

dissertação, perante essa mesma banca. Sendo aprovado, o candidato receberá o título de mestre, já aludido.

Além da dissertação, o aluno deve, ao longo do programa de mestrado, cursar disciplinas, designadas costumeiramente como "créditos". Os créditos são estabelecidos em função do número de horas de estudo que representam; o número de horas de estudo é geralmente fixado em lei.

Qualquer programa de mestrado acadêmico, pois, é formado de duas partes indispensáveis: os créditos e a dissertação. Por se constituírem em fenômenos mais visíveis, os créditos, ou seja, as disciplinas, acabam por receber uma grande atenção dos alunos e da coordenação dos programas, sendo a dissertação deixada provisoriamente em segundo plano até que os créditos sejam completados. Esta atitude não é seguramente a melhor e tem prejudicado muito a apresentação futura da dissertação, gerando o fenômeno conhecido como "fazer tudo, menos a dissertação". Na verdade, a palavra "tudo" é completamente enganosa. Se pensarmos que o programa de mestrado só merece esse nome se levar à obtenção do título de mestre, o que é impossível sem a defesa da dissertação, então "fazer tudo, menos a dissertação" significa pouco mais que um curso de atualização ou aperfeiçoamento.

3. O QUE É UMA PESQUISA CIENTÍFICA?

Toda dissertação de mestrado é um documento escrito, mas nem todo documento escrito é uma dissertação, embora às vezes exista essa pretensão. O que devemos levar em conta é que uma dissertação deve se basear numa *pesquisa científica*, pois essa condição está ligada à própria natureza do mestrado, qual seja, a de iniciar a formação de pesquisadores. É para isso justamente que a dissertação é exigida: ela representa um treino inicial, que irá impulsionar o aluno para o doutorado, onde ele se afirmará definitivamente como pesquisador. Na dissertação, para que ela cumpra com sua finalidade, deverão estar presentes todos aqueles elementos que caracterizam a pesquisa científica de boa qualidade.

Vamos aos conceitos. Antes de mais nada:

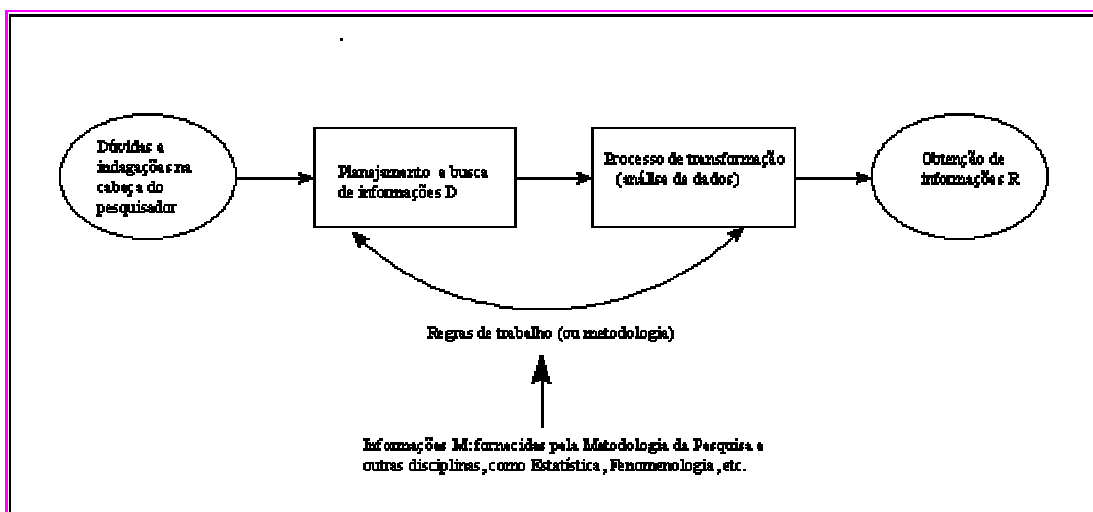
"Pesquisa científica é um processo de busca, tratamento e transformação de informações, levado a efeito segundo determinadas regras fornecidas pela Metodologia da Pesquisa."

Já aprenderemos muita coisa apenas pelo fato de esmiuçar a definição acima. Assim, compreende-se imediatamente que a pesquisa científica gira em torno de informações. Tudo começa com dúvidas e desconhecimentos na cabeça do pesquisador: há coisas que ele não sabe, mas gostaria de saber ou, em outras palavras, há informações que ele gostaria de conhecer. Chamemos a essas de informações R (a letra R indica resultado). Para chegar às informações R - que geralmente não estão disponíveis na forma em que o pesquisador as deseja - o pesquisador irá planejar e empreender a coleta de outras categorias de informações, que chamaremos de informações D (a letra D indica dados). Na mediação entre as informações R e as informações D existe um processo de transformação, que recebe o nome de "análise de dados". A natureza da pesquisa científica pode ser simbolicamente representada pelo diagrama da Figura 1.

O que devemos ressaltar agora é que as regras aludidas na definição de pesquisa científica estão incidindo basicamente sobre o planejamento, coleta e transformação dos dados. Quem fornece tais regras é a Metodologia da Pesquisa. Na Figura 1, as regras são chamadas de Informações M.

A dissertação de mestrado é, pois, o veículo de apresentação de uma determinada pesquisa científica, ou seja, de uma pesquisa conduzida segundo regras da Metodologia da Pesquisa. Vejamos agora as grandes etapas de desenvolvimento da dissertação, mostrando os produtos intermediários deste processo.

Figura 1. Natureza da Pesquisa Científica



4. ETAPAS DE UMA DISSERTAÇÃO

As etapas da dissertação estão esquematicamente representadas na Figura 2. O esquema disponível é sem dúvida uma simplificação: ele mostra as etapas numa seqüência linear, que às vezes é rompida durante o processo.

O aluno deve ficar alerta da existência de uma complexidade maior do que a mostrada na figura, sabendo que deverá a ela se habituar à medida que progride no trabalho de pesquisa.

Além disso, é impossível mostrar todas as interações entre as várias etapas, pois tal complexidade tiraria todo o mérito didático que a Figura 2 pudesse apresentar.

Analisemos cada etapa por sua vez, fazendo porém as ligações indispensáveis entre todas elas.

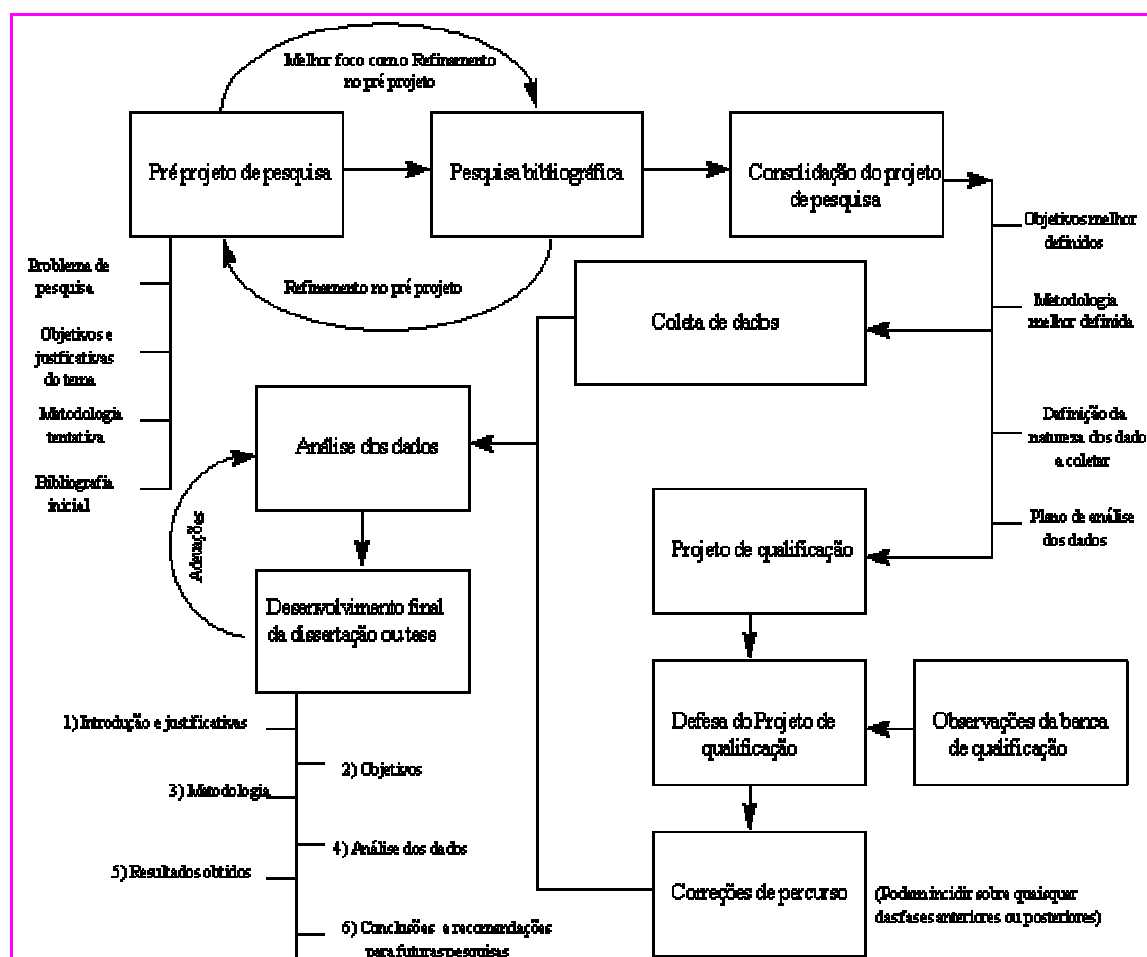
Pré projeto de pesquisa

Para muitos, esta é a etapa mais difícil de uma pesquisa ou dissertação. Trata-se do momento inicial, onde o pesquisador deve estabelecer os primeiros movimentos que o levarão (com muito trabalho ainda pela frente) até a apresentação e defesa da dissertação.

Se lembrarmos da Figura 1, o pré projeto de pesquisa corresponde ao documento formal que, pela vez primeira, expressa as dúvidas e necessidades de informação do pesquisador. Sem essas indagações iniciais, não pode existir uma dissertação. De nada adiantará coletar informações a esmo, sem saber muito bem porque e para que.

Em termos de tamanho, o pré projeto é variável, mas em geral ocupa de 10 a 30 páginas; claro que poderão existir tamanhos maiores ou menores, mas estamos citando apenas os números mais comuns.

Figura 2. Etapas de uma dissertação de mestrado



Em termos de estrutura, o projeto de pesquisa conta com quatro seções básicas:

Problema de pesquisa

Aqui, o pesquisador deve estabelecer (escolher) uma temática para sua pesquisa. Este é um momento delicado, de cujo sucesso depende o resto do processo. Muitos alunos tem dificuldades em escolher um assunto de pesquisa que não seja amplo demais ou restrito demais.

É bom dizer que a palavra "problema" costuma ser mal interpretada, mas ainda assim é usual. Problema, no contexto de uma pesquisa, não indaga algo necessariamente ruim, de consequências desagradáveis, como costumam ser os problemas nossos do dia a dia; também não se refere a um dilema ou situação que exija uma solução no sentido habitual dessa palavra (é assim que entendemos em geral o sentido de um problema). Em verdade, aqui, nesta ocasião, problema quer dizer simplesmente "indagação", "questão", "dúvida", "objeto" de pesquisa, e assim por diante. É o problema de pesquisa, de forma mais específica, que representa as dúvidas do pesquisador, dúvidas essas que motivam a busca organizada de informações que constitui a pesquisa científica.

Objetivos e justificativa

Nesta seção do pré projeto busca-se

- a) esclarecer quais serão os objetivos, em termos de resultados, da pesquisa que se irá empreender;
- b) detalhar, tanto quanto possível, objetivos gerais (mais amplos) e específicos (mais restritos);
- c) convencer o leitor da importância da temática escolhida, apelando para sua atualidade ou para a necessidade de mais conhecimentos no campo de conhecimento escolhido como base.

Fica claro que, como tudo no pré projeto, estas informações poderão sofrer alterações ao longo do tempo, principalmente os objetivos, que podem tornar-se mais restritos ou mais amplos à medida que o pesquisador, principalmente através da pesquisa bibliográfica, vá conhecendo melhor a temática escolhida.

Metodologia

Nesta seção o pesquisador ensaiará os primeiros passos na definição de uma metodologia de trabalho, orientada para o planejamento e a coleta dos dados, bem como para a análise dos mesmos. É de muita utilidade o conhecimento formal de Metodologia da Pesquisa.

Não há ainda a necessidade de muitos detalhes (como apresentar modelos de questionários ou roteiros de entrevistas, por exemplo), pois a bibliografia consultada até o momento e as informações levantadas são provavelmente insuficientes para isso. Entretanto, trata-se de um começo importante, a partir do qual caberá ao aluno pesquisador ir elaborando e refinando idéias, com a ajuda de seu orientador. É a primeira vez que o aluno estará pensando efetivamente de forma prática sobre a metodologia da pesquisa, assunto que o acompanhará sempre de perto até o final do seu trabalho. É desnecessário dizer que esta seção sofrerá provavelmente algumas transformações (às vezes muitas) durante o transcorrer da pesquisa bibliográfica e dos encontros com o orientador.

Bibliografia inicial

Esta seção apresenta as referências utilizadas pelo aluno pesquisador principalmente para:

- a) tomar contato maior com o tema da pesquisa;
 - b) tomar conhecimento de definições de conceitos chave;
 - c) tomar conhecimento de alguns autores chave no campo escolhido;
 - d) ter um primeiro contato com as grandes indagações ligadas ao tema escolhido;
 - e) ter uma primeira idéia das possibilidades do tema como foco de pesquisa;
- e, também, para fornecer-lhe material suficiente para elaborar seu próprio pré projeto.

É difícil estabelecer parâmetros sobre o número necessário de referências nesse momento. No entanto, seguramente não se trata de uma fase que exija além de poucas dezenas de referências, apenas o suficiente para a elaboração do primeiro documento formal de intenções, qual seja, o pré projeto.

Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica tem diversas finalidades, entre as quais, é claro, ajudar o aluno a desenvolver seus projetos. Não é só isso, porém: a pesquisa bibliográfica irá descrever e explicar o conhecimento atual sobre o tema escolhido; irá identificar pesquisas que estão sendo feitas ou o foram no passado, dentro do campo e do tema escolhidos; irá identificar métodos de pesquisa costumeiramente usados (isso será muito útil para o aluno!); irá identificar grupos de pesquisa no Brasil e no exterior, que podem ser de grande ajuda; irá apontar instituições onde o tema de pesquisa vem sendo desenvolvido; ajudará a apontar os autores mais importantes e conhecidos; auxiliará na própria geração de idéias para os futuros projetos do aluno.

Como atividade, a pesquisa bibliográfica tem suas próprias regras e caminhos, a começar pela identificação das fontes prováveis e dos mecanismos para acessá-las. Este assunto também será tratado em trabalho à parte.

Consolidação do projeto de pesquisa

Paulatinamente, a pesquisa bibliográfica, a organização e a consolidação das informações levantadas, os contatos com o orientador e outras pessoas que possam ser de auxílio (por ex.: entrevistas com pesquisadores ou experts), acabarão por levar o aluno a consolidar suas idéias o suficiente para redigir o Projeto de Qualificação.

Projeto de Qualificação, Defesa e Correções de Percurso

Conceitualmente, o Projeto de Qualificação é uma prévia da defesa da dissertação perante a banca. A Banca de Qualificação, à qual será apresentado o Projeto de Qualificação, é formada pelo próprio orientador e pelo menos por um professor de outra instituição que não a do aluno. Desta forma, são três professores e, fora o orientador, os outros dois componentes podem ser ambos de fora da instituição ou um de fora e outra da instituição. A função da banca é ajudar o aluno na reformulação e na revisão dos pontos fracos do projeto, se existirem; seu objetivo não é punitivo, mas simplesmente de auxílio. Por assim dizer, o Exame de Qualificação, embora obrigatório, configura-se na prática mais como um direito do que um dever do aluno. Das observações da banca sairão as eventuais mudanças no roteiro do aluno (chamadas de correções de percurso na Figura 2). Essas mudanças poderão ir desde pequenos ajustes, quase desapercibidos, até mudanças radicais no tema e/ou na metodologia. A profundidade das mudanças depende, evidentemente, da qualidade do projeto. Bons projetos são a segurança de que existirão poucas mudanças no futuro.

Um bom Projeto de Qualificação tem como principais características técnicas:

a) os objetivos da pesquisa são bem definidos, os conceitos envolvidos são claros, e os objetivos secundários também são bem definidos; a reunião dos objetivos secundários consolida os objetivos principais.

b) a melhor definição dos objetivos deverá ter proporcionado uma escolha coerente da metodologia a ser empregada na coleta de dados. Espera-se não apenas palavras vagas (Ex.: a pesquisa deverá ser predominantemente qualitativa ...), mas sim detalhes das técnicas a empregar, para cada conjunto de dados a coletar. O projeto poderá prever a triangulação, ou seja, a utilização conjunta de técnicas diversas, qualitativas e quantitativas.

c) como corolário dos itens a) e b) acima, será possível ter uma idéia bastante boa dos dados que serão coletados, particularmente de sua natureza (dados numéricos, dados qualitativos, dados primários, dados de fontes secundárias, etc.). Isso possibilitará, para cada subconjunto de dados, uma definição dos instrumentos de análise aplicáveis: ferramentas matemáticas e estatísticas, análise de textos, análise de conteúdo, necessidade de construção de categorias de percepção para dados qualitativos etc.

d) a descrição dos instrumentos de análise dos dados e da sua aplicabilidade resultará num Plano de Análise dos Dados. Este plano é indispensável, sob pena de se coletar dados pouco úteis nas análises futuras (ocorrência infelizmente bastante comum em pesquisa!).

Coleta de dados

A rigor, dentro de uma estrutura rígida de trabalho, a coleta de dados só deveria começar após a aprovação do Projeto de Qualificação, pois o julgamento deste poderá indicar a necessidade de mudanças radicais, que invalidem as coletas já parcialmente feitas.

Não obstante, freqüentemente é possível coletar alguns dados que, face à estrutura do projeto, dificilmente sejam mudados. Assim, por exemplo, entrevistas exploratórias, informações de caracterização de populações que participarão das pesquisas, dados secundários obtidos de fontes diversas (como anuários estatísticos, revistas de associações, resultados de levantamentos de caracterização, e assim por diante), etc., poderão fornecer dados que dificilmente sofram alterações pelo julgamento do Projeto de Qualificação. Neste ponto, a opinião do orientador é muito importante, alertando o orientando para falhas no Projeto de Qualificação, que possam ser prejudiciais à coleta paralela de alguns dados.

Reparar que, na Figura 2, a Coleta de dados avança um pouco em relação ao Projeto de Qualificação. Esta ocorrência é normal e até esperada, já que o término da coleta irá necessitar da segurança do projeto aprovado.

Análise dos dados

Neste ponto, os dados serão agrupados, transformados e reapresentados, seja através de técnicas matemáticas e estatísticas, seja através da análise qualitativa, seja através de ambas. É mais correto dizer que a análise dos dados começa quando começa a coleta; frequentemente é possível trabalhar alguns dos dados colhidos, o que pode ser útil na reorientação da coleta. Em geral, nas pesquisas quantitativas a análise é uma etapa mais bem definida do que nas pesquisas qualitativas; nestas últimas, a análise realmente começa com a primeira coleta de dados e influencia fortemente as coletas posteriores. De certa forma, ocorre o mesmo na pesquisa quantitativa, mas em muito menor intensidade.

As técnicas de análise não são objeto único da Metodologia da Pesquisa, já que envolvem conhecimentos especializados, como Estatística, análise de conteúdo, etc; cabe à Metodologia da Pesquisa, como referência geral, e ao orientador, de modo específico, indicarem aos alunos os cursos ou fontes de acesso às análises específicas de cada projeto.

Desenvolvimento final da dissertação

Chegamos enfim à etapa final: a escrita da dissertação. Este trabalho, que pode ser exaustivo, ficará simplificado se neste momento o aluno já tiver coletado bastante material que tenha escrito ao longo de todo o processo. É um erro deixar para escrever a dissertação de uma vez; idéias, sumárias, análises parciais, pedaços de capítulos, etc., se escritos antes e pouco a pouco, irão auxiliar na redação final.

Embora a estrutura de uma dissertação seja algo relativamente em aberto, é hábito que compareçam pelo menos as seguintes seções:

Introdução e justificativas do estudo: onde se destaca a importância prática e/ou acadêmica do trabalho e se constrói a sua contextualização;

Objetivos: descrição dos objetivos principais e secundários da dissertação;

Metodologia: capítulo (ou capítulos) importantíssimo, muito procurado pelos examinadores, já que a finalidade do mestrado é o treinamento em pesquisa;

Análise dos dados: onde se dão explicações detalhadas da instrumentação usada na análise, seja quantitativa ou qualitativa;

Resultados obtidos: capítulo (ou capítulos) onde são descritos os resultados parciais obtidos e ressaltada sua significação dentro do contexto da dissertação;

Conclusões, limitações e recomendações para futuras pesquisas: este é o capítulo de fechamento do trabalho, onde o aluno tem o direito de ser o primeiro a apontar as limitações e possíveis falhas da dissertação, o que não deixa de ser a mais legítima expressão da mentalidade científica; as conclusões gerais são apresentadas, bem como sugestões para futuras pesquisas (o que se configura às vezes como um bom referencial para a escolha de temas de pesquisa para alunos iniciantes).

NOTAS:

[1] Artigo originalmente publicado na Revista Álvares Penteado, No.2, julho/1999. Republicado aqui por indicação de leitores e consentimento do autor.